

I



Uma vez, quando tinha seis anos, vi um desenho magnífico num livro chamado *Histórias Vividas*, sobre a floresta primitiva. Era um desenho que mostrava uma jiboia prestes a engolir um animal. Aqui vai uma cópia dele.



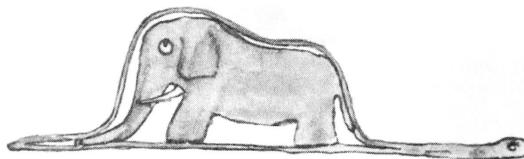
No livro era dito: “As jiboias engolem suas presas por inteiro, sem nem mastigar. Depois disso, elas ficam incapazes de se mover e dormem pelos seis meses que necessitam para a digestão”.

Eu então refleti profundamente acerca das aventuras da selva, e, após algum trabalho com um lápis de cor, consegui fazer o meu primeiro desenho, meu Desenho Número Um. Ele era mais ou menos assim:



Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes, e perguntei se meu desenho as assustava. Mas elas me responderam: "Assustar? Por que alguém se assustaria com um chapéu?".

Meu desenho não era um chapéu. Era o desenho de uma jiboia digerindo um elefante. Mas como as pessoas grandes não conseguiam entendê-lo, eu fiz um novo desenho: desenhei o interior de uma jiboia, assim as pessoas grandes poderiam ver claramente o elefante. Elas sempre precisam de explicações para as coisas. Meu Desenho Número Dois era assim:



Desta vez, as pessoas grandes me aconselharam a deixar de lado meus desenhos de jiboias, fossem elas abertas ou fechadas, e me dedicar a coisas como geografia, história,

aritmética e gramática. Foi por isso que, aos meus seis anos, desisti do que poderia vir a ser uma carreira magnífica na pintura.

Eu fui desencorajado pelos fracassos do meu Desenho Número Um e do meu Desenho Número Dois. As pessoas grandes nunca entendem nada por elas mesmas, e é muito cansativo para as crianças ficarem sempre explicando as coisas para elas.

Então eu escolhi outra profissão, e aprendi a pilotar aviões. Eu voei por todas as partes do mundo; e é verdade que a geografia acabou me sendo muito útil. De relance, posso distinguir a China do Arizona. Se alguém fica perdido no céu noturno, esse conhecimento é bem valioso.

No curso desta vida, eu tive muitos grandes encontros com muitas pessoas que se preocupavam com assuntos muito sérios. Eu vivi por um bom tempo entre as pessoas grandes. Eu fui muito próximo e íntimo a elas, mas tudo isso não melhorou muito a opinião que tenho delas.

Sempre que eu me encontrava com uma delas que me parecia mais lúcida à primeira vista, eu fazia um experimento: mostrava a elas o meu Desenho Número Um, que sempre carreguei comigo. Eu buscava saber se aquela era uma pessoa de compreensão verdadeira. Mas, quem quer que ela fosse, um adulto ou uma adulta, sempre me respondia:

“Isto é um chapéu.”

Então eu jamais falaria com aquela pessoa sobre jibóias, ou florestas primitivas, ou estrelas. Eu precisava descer ao seu nível de compreensão. Eu conversaria com ela sobre jogos de cartas, e golfe, e política, e gravatas. E a pessoa grande ficava encantada em conhecer um homem tão refinado.

II



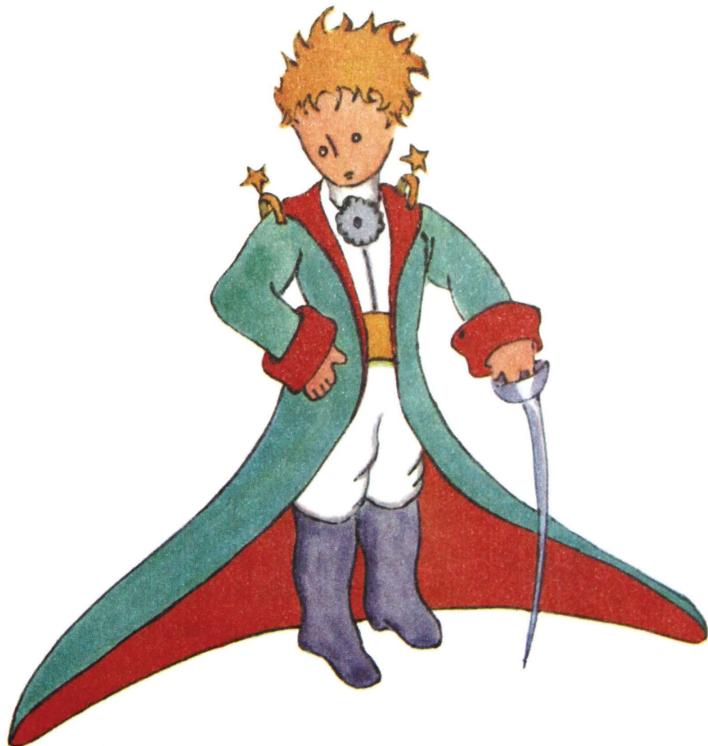
Então eu vivi minha vida solitário, sem ninguém com quem pudesse realmente conversar, até que tive um acidente com meu avião no deserto do Saara, seis anos atrás. Algo estava quebrado em meu motor, e como não tinha comigo nem passageiros nem mecânicos, após o pouso forçado eu me preparei para tentar realizar sozinho o difícil conserto. Para mim, era uma questão de vida ou morte: o que eu tinha de água em meu cantil mal dava para oito dias.

Na primeira noite, eu dormi em plena areia, a milhares de quilômetros de qualquer habitação humana. Eu estava mais isolado do que um naufrago boiando agarrado a uma tábua no meio do oceano. Portanto, você pode imaginar o meu espanto quando, ao nascer do sol, fui despertado por uma vozinha um tanto estranha. Ela disse:

- Por favor, me desenhe um carneiro!
- O quê?!
- Me desenhe um carneiro!

Eu me levantei de um pulo só, como se um raio houvesse me atingido. Esfreguei meus olhos e olhei cuidadosamente em minha volta, foi quando vi um ser pequenino e extraordinário, que estava ali me examinando com grande seriedade.

Aqui você pode ver o melhor retrato que pude fazer dele, tempos depois. Mas ao meu desenho falta certamente o encanto do modelo original.



Eu não tenho culpa se o meu desenho não é tão fiel ao original, afinal as pessoas grandes me desencorajaram a seguir minha carreira artística quando eu tinha somente seis anos de idade, e então eu nunca aprendi a desenhar nada além de jiboias abertas e jiboias fechadas.

Eu olhava para aquela aparição repentina com meus olhos quase pulando das órbitas de tanto assombro. Lembre-se, eu

havia me acidentado no deserto a milhares de quilômetros de qualquer região habitada, e ainda assim aquele ser pequenino não parecia estar vagueando perdido em meio aos areais, nem dava quaisquer sinais de cansaço, fome, sede ou medo.

Nada sobre ele me dava qualquer sugestão de ser uma criança perdida no deserto, a milhares de quilômetros de qualquer habitação humana. Quando finalmente consegui dizer alguma coisa, foi isto que lhe falei:

— Mas o que diabos você está fazendo aqui?

E ele me respondeu um tanto vagarosamente, como se falasse de algo muito sério:

— Por favor, me desenhe um carneiro...

Quando um mistério é tão avassalador, a gente não ousa desobedecer. Por mais absurdo que possa parecer, mesmo estando a milhares de quilômetros de qualquer habitação humana e com minha própria vida em risco, eu retirei do meu bolso uma folha de papel e a minha caneta-tinteiro.

Porém, antes de desenhar, me lembrei de como os meus estudos haviam se concentrado em geografia, história, aritmética e gramática, e disse ao pequenino (um pouco mal-humorado, aliás) que eu não sabia desenhar. Mas ele me respondeu:

— Isso não importa. Me desenhe um carneiro...

Mas eu nunca havia desenhado um carneiro, então desenhei para ele um dos dois únicos desenhos que eu sabia fazer, o da jiboia aberta, e fiquei muito surpreso com o que o pequenino me disse ao vê-lo:

— Não, não, não! Eu não quero um elefante dentro de uma jiboia. Uma jiboia é uma criatura muito perigosa, e um elefante é muito pesado e espaçoso... Onde eu moro, tudo é muito pequeno. O que preciso é de um carneiro, me desenhe um carneiro.

Então eu fiz este desenho.



Ele o observou cuidadosamente, e daí me respondeu:

— Não, este carneiro já está muito doente, me faça outro.

Então eu fiz outro desenho.



Meu amigo sorriu gentilmente e me disse:

— Você não vê que isto não é um carneiro? Isto é um bode, ele tem chifres!

Então tive de refazer meu desenho novamente...

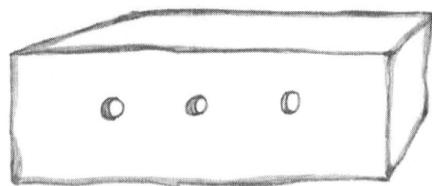


Mas ele foi rejeitado como os demais:

— Este é muito velho. Eu quero um carneiro que ainda terá uma longa vida pela frente.

Nessa hora, a minha paciência já estava exaurida, porque eu precisava iniciar o conserto do motor o quanto antes. Então eu rabisquei com pressa este outro desenho, e arrisquei uma explicação para ele:

— Esta é somente a caixa, o carneiro que você me pediu está dentro dela.



Eu fiquei um tanto surpreso ao ver a face do meu pequeno crítico de arte se iluminar:

— Era exatamente isso que eu queria! Você acha que será preciso muito capim para alimentar este carneiro?

— Por quê?

— Porque onde eu moro tudo é muito pequeno...

— Ora, certamente haverá capim o suficiente para ele, este carneiro que lhe dei também é muito pequeno.

Ele inclinou os olhos sobre o desenho e disse:

— Não é tão pequeno assim... Olha! Ele dormiu...

E foi assim que eu conheci o pequeno príncipe.

III



Levou um bom tempo para que eu pudesse compreender de onde ele veio. O pequeno príncipe, que me perguntou tantas coisas, nunca dava atenção às perguntas que eu fazia a ele. Foi sobretudo através de algumas de suas palavras ditas ao acaso que, pouco a pouco, o seu mistério me foi revelado.

Por exemplo, da primeira vez em que ele viu meu avião (eu não irei desenhá-lo; isso seria muito complicado para mim), ele me perguntou:

— O que é este objeto?

— Isto não é um objeto. Ele voa, é um avião; o meu avião.

E fiquei orgulhoso de poder ensinar-lhe que eu podia voar... Mas foi aí que ele exclamou:

— O quê?! Você caiu do céu?

— Sim — respondi, com certa modéstia.

— Ora, isso é engraçado!

E o pequeno príncipe descambou numa doce gargalhada, que me irritou bastante. Eu gosto que levem as minhas desgraças a sério... E daí ele complementou:

— Então você também veio do céu! Qual é o seu planeta natal?

Naquele momento, eu percebi um cintilar de luz no impenetrável mistério da sua presença; e eu exigi, abruptamente, uma explicação:

— Você vem de outro planeta?

Mas ele não me respondeu, apenas balançou suavemente a cabeça, sem tirar os olhos do meu avião:

— É verdade que em cima disso você não pode ter vindo de tão longe assim...

E então ele mergulhou num devaneio de pensamentos que durou um bom bocado. Logo após, retirou o meu carneiro do bolso e ficou contemplando o desenho, como se fosse o seu tesouro.

Você pode imaginar como a minha curiosidade aumentou após aquela meia confissão sobre “outros planetas”. Eu procurei me dedicar, portanto, a descobrir ainda mais sobre o tema:

— Meu pequenino, de onde você veio? Onde é este “onde eu moro” de que fala? Para onde exatamente deseja levar o seu carneiro?

Após algum tempo de reflexão em silêncio, ele disse assim:

— O bom desta caixa que você me deu é que durante a noite o carneiro pode utilizá-la como a sua casa.

— Claro. E se você for bonzinho eu ainda lhe darei uma corda e uma estaca, para que possa amarrá-lo durante o dia.

Mas o pequeno príncipe pareceu chocado com a minha oferta:

— Amarrá-lo?! Mas que ideia estranha!

— Mas se você não o amarrar, ele pode ir pastar muito distante e acabar se perdendo...

Meu amigo deu outra doce gargalhada:

— Mas onde você pensa que ele poderia ir?

— Para qualquer lugar, ora, bastaria seguir numa linha reta e para longe da sua casa.

Então disse o pequeno príncipe, um tanto sério:

— Mas isto não importa. Onde eu moro, tudo é tão pequeno!

E, talvez com um pouquinho de tristeza, complementou:

— Seguindo em linha reta, ninguém poderia ir muito longe...





IV



Eu havia aprendido um segundo fato de grande importância: que o planeta de onde o pequeno príncipe veio era pouco maior do que uma casa!

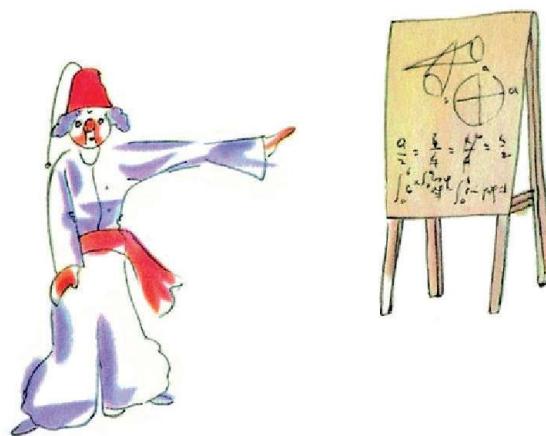
Mas isso não me surpreendeu tanto assim. Eu sabia muito bem que para além dos grandes planetas para os quais demos nomes — como a Terra, Júpiter, Marte ou Vênus —, havia ainda centenas de outros planetoides, alguns deles tão pequenos que era difícil observá-los pelo telescópio.

Quando um astrônomo descobre um desses planetinhas, ele não lhe dá um nome, mas apenas uma espécie de código numerado. Ele poderia chamar um deles, por exemplo, de “asteroide 325”.



Eu tenho razões muito sérias para crer que o planeta de onde veio o pequeno príncipe é o asteroide conhecido como B-612.

Tal asteroide só foi visto uma única vez pelo telescópio. Quem realizou o feito foi um astrônomo turco, em 1909.

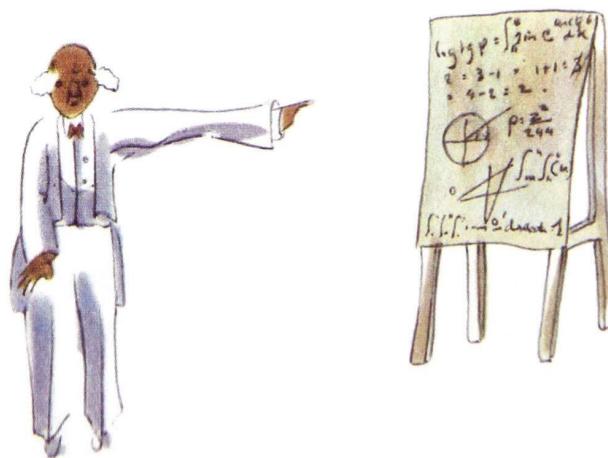


Após o feito, o astrônomo apresentou sua descoberta no Congresso Internacional de Astronomia, numa grande demonstração. Mas como ele usava roupas tradicionais da Turquia, ninguém acreditou no que ele disse.

As pessoas grandes são assim...

Felizmente, no entanto, para a reputação do asteroide B-612, um ditador turco decretou uma lei que obrigava o seu povo a se vestir no estilo europeu, sob pena de morte para quem a desobedecesse.

Então, em 1920, o astrônomo fez novamente a sua apresentação, desta feita vestido com todo o estilo e elegância. E desta vez todos aceitaram a sua descoberta.



Se eu lhe dou tantos detalhes sobre esse asteroide, e ainda lhe trago o seu código numerado, é somente por conta das pessoas grandes e dos seus costumes.

Quando você diz a elas que fez um novo amigo, elas nunca lhe fazem perguntas sobre o que realmente importa saber. Elas nunca lhe dizem: "Como é o som da sua voz? Quais os jogos de que ele mais gosta? Por acaso seu novo amigo coleciona borboletas?".

Em vez disso, elas querem logo saber: "Qual a idade dele? Quantos irmãos e irmãs ele tem? Ele é gordo? Quanto dinheiro tem o pai dele?".

É somente por estas últimas perguntas inúteis que elas acreditam que aprenderam tudo sobre o seu novo amigo...

Se acaso você fosse dizer às pessoas grandes: "Eu vi uma bela casa de tijolos rosados, com flores na beirada das janelas e várias pombas no telhado", elas não conseguiriam ter qualquer ideia de como seria a casa. Você teria de dizer a elas: "Eu vi uma casa que custa uns trezentos mil reais". E só então elas teriam noção e exclamariam: "Nossa, que bela casa deve ser!".

Assim, se você lhes disser: “A prova de que o pequeno príncipe existiu é que ele era encantador, divertido, e que estava à procura de um carneiro. Caso alguém, qualquer um, esteja em busca de um carneiro, esta é a prova de que ele existe”, de que isso adiantaria para lhes convencer?

Elas iriam dar de ombros e o tratar como uma criança. Mas se você disser a elas: “O planeta de onde ele veio é o asteroide B-612”, daí se convenceriam, e o deixariam em paz.

As pessoas grandes são assim...

Isto não é motivo para lhes querer mal. As crianças devem sempre mostrar grande tolerância para com as pessoas grandes. Para nós, porém, que compreendemos a vida, tais códigos numerados não têm nenhum significado.

Eu gostaria de ter iniciado esta história à moda dos contos de fadas. Eu gostaria de ter começado com algo como: “Era uma vez um pequeno príncipe que vivia num planetinha um pouco maior do que ele próprio, e que estava em busca de um amigo...”.

Para aqueles que compreendem a vida, este trecho inicial daria um ar de credibilidade bem maior para a minha história.

Pois eu não quero que ninguém leia o meu livro de qualquer jeito, pulando páginas e parágrafos. Eu tive de passar por imensa tristeza para recuperar essas lembranças. Já se passaram seis anos desde que meu amigo se foi, com o seu carneiro. E se eu tento descrevê-lo aqui, é para me certificar de que eu não o esquecerei.

Esquecer um amigo é algo um tanto triste. Nem todos já tiveram um amigo. E ademais, se eu esquecê-lo, corro o risco de me tornar como as pessoas grandes, que já não se interessam por mais nada além dos seus códigos numerados...

Foi por conta disso, também, que eu comprei uma caixa de tintas e alguns lápis. É complicado voltar a desenhar na minha idade, quando nunca desenhei nada além de jibóias abertas e fechadas, desde os meus seis anos.

Eu certamente tentarei fazer os meus retratos tão próximos da realidade quanto me for possível. Mas eu não estou assim tão certo do meu sucesso. Um desenho pode ficar legal, enquanto outro pode ficar um tanto distante do modelo real. Às vezes também cometo alguns erros quanto à altura do pequeno príncipe: num desenho ele está muito alto, e noutro, muito baixo. E ainda tenho algumas dúvidas acerca da cor da sua roupa.

Dessa forma, eu vou me arriscando nos traços, o melhor que posso, e alguns saem bons, outros maus, e tenho a esperança de que no geral eu consiga manter uma boa média.

Em alguns detalhes mais importantes eu também posso cometer deslizes, mas isto é algo de que não posso me considerar culpado. Meu amigo nunca me explicava nada. Talvez ele pensasse que eu era como ele...

Mas eu não sei como enxergar carneiros através dos contornos de uma caixa. Quem sabe eu já não seja um pouco parecido com as pessoas grandes. Afinal, o tempo passou, e eu envelheci.

V



Conforme se passavam os dias eu ia aprendendo, em nossas conversas, algo a mais sobre o seu planeta natal, a sua partida e a sua jornada sideral. A informação vinha aos poucos, como algo que escapava ao acaso dos pensamentos do pequeno príncipe. Foi desta forma que eu acabei sabendo, no terceiro dia, sobre a catástrofe dos baobás.

Foi mais uma vez através do carneiro que eu acabei descobrindo tudo, quando o pequeno príncipe me perguntou, abruptamente, como que tomado por uma grande angústia:

— É verdade que os carneiros comem só grama e arbustos, não é mesmo?

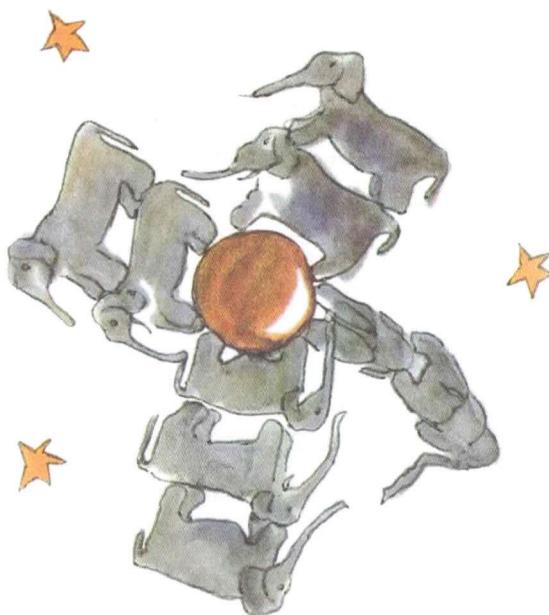
— Sim, é verdade.

— Ah! Que beleza!

Eu não havia compreendido porque era tão importante saber que carneiros comiam só grama e arbustos, mas ele acrescentou:

— Então eles também devem se alimentar de baobás, certo?

Eu expliquei ao pequeno príncipe que os baobás eram árvores muito, muito maiores do que pequenos arbustos ou tufos de grama. Pelo contrário, mais se pareciam com castelos; e mesmo que toda uma manada de elefantes viesse se alimentar, não conseguiriam dar conta de esgotar as folhas de um único baobá.



A ideia de uma manada de elefantes fez o pequeno príncipe dar mais risadas...

— Nós teríamos de amontoar uns por cima dos outros para que coubessem em meu planeta.

Mas em seguida fez um comentário pertinente:

— Antes de crescerem tanto, os baobás devem ter nascido da terra como árvores pequeninas.

— Está muito correto. Mas por que você deseja que os carneiros comam os baobás pequeninos?

— Ora, vamos lá, não é evidente?

E daí ele ficou em silêncio. Eu tive de me esforçar um bocado para resolver tal enigma, sem a ajuda de ninguém...

De fato, conforme acabei aprendendo, havia no planeta natal do pequeno príncipe — assim como em todos os demais planetas — plantas boas e plantas más. Da mesma forma, havia boas sementes vindas das boas plantas, e sementes más vindas das plantas más.

Mas sementes são invisíveis. Elas dormem nas profundidades escuras do coração da terra, até que uma delas seja acometida por um desejo de despertar. Então esta pequena semente vai se espreguiçar e começar a lançar um ramo na direção do sol, a princípio de forma tímida. Se for um ramo de uma roseira ou de rabanete, podemos deixar que ele cresça à vontade. Mas se for uma erva daninha, devemos arrancá-la assim que a avistamos, para que não prejudique as demais plantas.

Ora, havia sementes terríveis no planeta que fora a casa do pequeno príncipe; e estas eram as sementes dos baobás. O solo do planeta estava infestado delas.

Um baobá é uma planta da qual nunca nos livramos se é descoberto tarde demais. Ele logo se espalha pelo planeta inteirinho, atravessando o chão com suas raízes imensas. E se um planeta for muito pequeno, e os baobás muito numerosos, é capaz de eles o racharem todo...



“É uma questão de disciplina”, me disse o pequeno príncipe. “Quando terminamos de ir ao banheiro pela manhã, é hora de cuidar das necessidades de nosso próprio planeta, e com o mesmo cuidado. É preciso verificar se estamos arrancando regularmente todos os baobás tão logo consigamos distingui-los das roseiras, pois em sua infância ambos são muito parecidos. É um trabalho um tanto entediante, mas acaba que se torna fácil quando nos acostumamos a ele”.

E ainda, noutro dia, foi isto que ele me disse:

“Você deve fazer um desenho bem bonito, assim as crianças do lugar onde vive poderão ver exatamente como tudo isso funciona. Isto seria muito útil para elas caso precisem viajar algum dia.

“Às vezes, não há mal algum em deixar um pouco de trabalho para outro dia, mas no caso dos baobás isso sempre significa uma catástrofe. Um dia eu conheci um planeta habitado por um sujeito bem preguiçoso, e ele havia deixado escapar três pequenos baobás que já vinham crescendo...”

Então, seguindo as descrições do pequeno príncipe, eu fiz um desenho do tal planeta.

Não me sinto à vontade em assumir um tom moralista, mas o perigo dos baobás é tão pouco compreendido, e são tão grandes os riscos para qualquer um que acabe perdido num asteroide, que desta vez eu abri uma exceção. E assim, aqui vai o meu conselho:

“Crianças, tomem cuidado com os baobás!”

Meus amigos, assim como eu, viviam ignorando este perigo por um longo tempo, sem nunca haver sequer ouvido falar dele; e foi sobretudo para alertá-los que tanto me dediquei a este desenho. A lição que eu passo adiante, no entanto, valeu todo o esforço da minha arte.



Você poderá me perguntar, quem sabe: “Por que não há nenhum outro desenho neste livro tão magnífico e grandioso quanto o desenho dos baobás?”. E a resposta é muito simples: eu tentei, mas com os demais não obtive o mesmo sucesso.

Quando desenhei estes baobás eu fui tomado por uma inspiração e um sentido de urgência que iam além de mim mesmo.